



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

Voltei a morar no meu corpo. Potencias antirracistas em práticas de performance populares brasileiras

Autoria: Lucrecia Raquel Greco (ufba)

Nesta comunicação apresento algumas indagações sobre as potencias micropolíticas de práticas de performance populares e afrobrasileiras em diversos coletivos integrados majoritariamente, porém não exclusivamente, por jovens negros. Análise os devires subjetivos que se constroem na participação destes espaços, focando particularmente na forma em que o work de treino em performances corporais junto com a pesquisa na história, memória e ancestralidade nos grupos acabam sendo fatores-chaves na transformação das experiências e autorreflexividade dos participantes, principalmente no que refere a raça, gênero e classe. As reflexões emergem das minhas pesquisas em diversos coletivos envolvidos com diversas performances, onde a militância antirracista está presente. Os espaços se situam em três cidades brasileiras, onde, se bem a intersecção entre raça, classe e posição subalterna é muito semelhante, os significantes vinculados às identidades negras têm diversas posições. Os espaços são a Associação de Capoeira de Rua Berimbau, no estado do Rio Grande do Sul, a Escola de Jongo, no estado de Rio de Janeiro e o Grupo de Teatro do Oprimido Pé de Poeta, no estado de Bahia. As metodologias de pesquisa para esta comunicação se baseiam, em diversas instâncias, em experiências de observação participante, participação observante, pesquisa colaborativa e performance-pesquisa.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: